

ASPECTOS DE INTERTEXTUALIDADE E INTERMIDIALIDADE EM *CALVÁRIO E PORRES DO PINGENTE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO*

ASPECTS OF INTERTEXTUALITY AND INTERMIDIALITY IN *CALVÁRIO E
PORRES DO PINGENTE AFONSO HENRIQUES* BY LIMA BARRETO

Clara Avila Ornellas¹

RESUMO: Este texto focaliza alguns aspectos da obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, de João Antônio, em relação à intertextualidade e à intermidialidade, para demonstrar potencialidades de análise dessa produção. É possível verificar, por exemplo, um uso proeminente do recurso intertextual no qual as citações presentes no livro assumem papel intrínseco para além do diálogo entre textos. Ao mesmo tempo, os diferentes meios mobilizados na concepção da obra, como literatura, jornalismo e imagens, apontam para manifestações intermidiais que devem ser consideradas ao se ter como objeto de estudo o hibridismo de gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Intertextualidade; Intermidialidade; Lima Barreto; João Antônio.

ABSTRACT: This text focuses on some aspects of the work *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, by João Antônio, in relation to intertextuality and intermidiality, to demonstrate potentialities of analysis of this production. It is possible to verify, for example, a prominent use of the intertextual resource in which the citations present in the book assume an intrinsic role beyond the dialogue between texts. At the same time, the different media mobilized in the conception of the work, such as literature, journalism and images, point to intermidial manifestations that must be considered when studying hybridism of genres.

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura Brasileira na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Realiza estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6880-4246>. E-mail: ellas27@terra.com.br.

KEYWORDS: Brazilian Literature; Intertextuality; Intermedialidade; Lima Barreto; João Antônio.

1. INTRODUÇÃO

João Antônio (1937-1996) foi um escritor e jornalista brasileiro, nascido em São Paulo, que tematizou em sua obra principalmente a marginalidade de seres pertencentes à zona de exclusão urbana. Embora outros temas possam ser localizados em sua produção, como o resgate histórico de personalidades da cultura nacional, o memorialismo urbano, bem como a representação de problemas econômicos enfrentados pela classe média, sua escrita é reconhecida como vinculada ao homem marginalizado em diferentes fases da vida: terceira idade, jovem, adulto ou criança. Com frequência, esses seres aparecem ocupando o espaço da rua em trajetórias direcionadas à sobrevivência imediata, seja por meios legais ou ilegais.

Dentre alguns dos títulos publicados pelo autor, destacam-se *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), *Leão-de-chácara* (1975), *Malhação do Judas Carioca* (1975), *Casa de loucos* (1976), *Ô Copacabana!* (1978), *Abraçado ao meu rancor* (1986) e *Dama do Encantado* (1996). Em relação a características de sua escrita, ressalta-se o exímio trabalho com a norma culta e a linguagem das ruas, a humanização de personagens invisíveis socialmente, bem como a representatividade da cidade como elemento intensificador das diferenças sociais.

É consenso entre a fortuna crítica do autor paulistano² que Lima Barreto ocupa lugar de destaque entre as suas afinidades eletivas, em termos tanto de

² PRADO, A. Lima Barreto personagem de João Antônio. Revista Remate de Males: João Antônio. *Revista do Departamento de Teoria Literária - IEL/UNICAMP*, Campinas, nº 19, 1999. BOSI, A. Prefácio. In: ANTONIO, J. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. CANDIDO, A. Na noite enxovalhada. Revista Remate de Males: João Antônio. *Revista do Departamento de Teoria Literária - IEL/UNICAMP*, Campinas, nº 19, 1999. ORNELLAS, C. *João Antônio, leitor de Lima Barreto*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011, entre outras referências.

concepção artística quanto de posicionamento crítico-social. E o próprio João Antônio afirmou reiteradamente em entrevistas sobre a sua admiração pelo escritor carioca³. Além disso, a partir da segunda edição de sua obra de estreia, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1974), todos os seus livros trazem dedicatória a Lima Barreto⁴.

Em 1970, sofrendo com estafa pela alta carga de trabalho na revista *Manchete*, João Antônio pediu à sua esposa, Marília Mendonça de Andrade, para que o internasse no Sanatório da Muda, no bairro carioca da Tijuca, assim conseguiria descansar e dedicar-se à literatura. O escritor ficou internado por dois meses, de maio a junho⁵. Durante a internação, ele conheceu Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, de 72 anos, reconhecida personalidade nos campos da educação e jornalismo de sua época, que conviveu com Lima Barreto entre os anos de 1916 a 1920. Segundo Mariana Souza, Nóbrega da Cunha foi

Diagnosticado com esclerose, era um importante educador e jornalista carioca, também ligado ao teatro. Como educador, foi um dos integrantes do grupo Pioneiros da Educação Nova, que em 1932 divulgou um manifesto defendendo a reforma integral do ensino brasileiro. Como jornalista, foi repórter internacional, integrante da Associated Press e, principalmente, um dos fundadores do *Diário de Notícias*, em 1930. O *Diário* foi o primeiro jornal brasileiro a ter uma página inteira dedicada à educação, assinada pela jornalista e poeta Cecília Meireles. Amigo de Cecília, padrinho de uma de suas filhas, foi ele quem a convidou para escrever a coluna, o que fez por três anos. O período foi considerado, por ela, como o mais político da sua carreira. Carlos Alberto Nóbrega da Cunha foi ainda o responsável pela entrada de Carlos Lacerda no jornalismo. De acordo com João Pinheiro Neto, no livro *Bons e maus mineiros*, ele pagava do próprio bolso para que o jovem, aos 16 anos,

³ JOÃO Antônio faz palestra e Ufes cria Coordenadoria. *A Tribuna*. Vitória, 28 jun.1977. VIERA, C. Escritor: um marginal privilegiado. *Jornal de Brasília*, Brasília, 11 de outubro de 1977. JOÃO Antônio, retratos da realidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1982. LIMA Barreto, agora. *Saga* – nº 2, Ourinhos, 1977. DESABAFO do escritor João Antônio. *Extra*, Joinville, 30 jan. 1983, entre outras entrevistas.

⁴ “Fiz sempre questão de dedicar meus livros a Lima Barreto como uma forma de deboche, de provocação, para lembrar que mesmo sendo ele um dos maiores escritores brasileiros, ainda é um autor marginalizado, que nunca teve todos os seus livros reeditados”. (João Antônio, retratos da realidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1982.)

⁵ Dessa experiência resultou também o texto-título da coletânea *Casa de loucos* (1976).

filho do embaixador Mauricio Lacerda, reunisse informações para a página de educação de Cecília Meirelles. (SOUZA, 2018, p. 201)

João Antônio colheu o depoimento de Nóbrega da Cunha a respeito de sua experiência com o escritor carioca para, futuramente, elaborar a obra *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, publicada em 1977 pela editora Civilização Brasileira. A esse respeito, é interessante observar o trecho de uma entrevista dele quando estava prestes a lançar o livro:

[...] creio que com ‘Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto’ esse meu corpo-a-corpo com a vida chega a um resultado provavelmente novo, pois, a rigor, o livro não tem uma única palavra minha – é um roteiro dos porres e das rodas frequentadas por Lima Barreto através de um depoimento inédito que colhi do professor Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, no Sanatório da Tijuca [sic], na Muda, em maio de 1970. A mistura desse depoimento a trechos de mergulho dramático da obra de Lima desemboca num resultado surpreendente e flagrante: o País, em essência, pouco mudou. E eu trato de um Lima Barreto, vivendo em 1916. (RODRIGUES, s/d)

Em síntese, o livro compreende o texto inicial “Lima Barreto, pingente”⁶, no qual João Antônio trata de características da produção e do autor barretiano, seguido de uma Nota Prévia do autor, na qual Antônio explica pouco intervir no conteúdo do livro. Na sequência, repete-se o título da obra e dá-se início ao conteúdo propriamente dito: a transcrição do depoimento de Nóbrega da Cunha entrecortado por citações da obra do Barreto e algumas citações de críticos sobre o escritor carioca. E, ainda, traz imagens diversas relacionadas ao autor: capas de livros, provas de originais, caricatura, entre outras.

Apesar de na nota introdutória João Antônio afirmar que “Os textos em destaque são de e em torno de Lima. Assim, não há aqui uma palavra minha. Particpei, se muito, na linguagem da versão final do depoimento” (ANTÔNIO, 1977, p. 17), isso não se consolida. A escolha dos excertos, a elaboração do depoimento e das outras partes constitutivas da obra foram realizadas pelo autor paulistano, portanto, muito há de sua ação criativa e de seus propósitos

⁶ O mesmo texto, sob o título “Lima Barreto, agora”, foi publicado no jornal *Saga*, Ourinhos, 1977.

que imbuíram a feitura do livro.

É fato que *Calvário...* diferencia-se das produções de João Antônio nas quais se destaca o viés de elaboração própria, em que ele assoma como autor claramente vinculado à elaboração de universos ficcionais. Em suas demais coletâneas, o uso de citações não tem lugar proeminente como ocorre na obra sobre Lima Barreto e, raramente, ele se vale de outras linguagens artísticas ou midiáticas para compor suas criações⁷.

Dessa maneira, aos estudiosos de João Antônio cabe a tarefa de refletir sobre uma obra de difícil classificação em termos de gênero. A esse respeito, observe-se duas colocações, distantes 10 anos uma da outra. A primeira refere-se ao professor Antônio Esteves e, a segunda, à pesquisadora Mariana Souza:

[...] o livro [*Calvário...*] de João Antônio pode ser inserido sem medo a equívoco numa espécie de gênero híbrido, comum à pós-modernidade, uma mistura de diário; roteiro turístico; ensaio crítico; biografia; crônica jornalística ou romance histórico. (ESTEVES, 2008, p. 65)

De caráter experimental, sem um gênero definido, sendo mais multidisciplinar – mobilizando urbanismo, história, comportamento, jornalismo –, a obra [*Calvário...*] é uma espécie de colagem não-linear do relato testemunhal de um dos pacientes que ele [João Antônio] conheceu no Sanatório da Muda sobre sua experiência boêmia com Lima Barreto, com 53 excertos de imagens, crônicas, contos e romances do próprio Lima Barreto. (SOUZA, 2018, p. 198)

Evidencia-se que para ambos os autores é ponto pacífico a inventividade e difícil classificação da obra em termos de gênero. Não há como negar o

⁷ À exceção da coletânea *Ô Copacabana!* (1978), que traz fotografias de U. Dettmar e Carlos Jurandir no meio da obra. Vale ressaltar também que a música tem relevância na produção de João Antônio, mas enquanto citação ou comentário, não ocupando proeminência em termos de discussão ou abordagem específica em relação ao campo musical.

ineditismo dessa produção de João Antônio e a sua vinculação a um propósito de modernidade estética e criativa.

Para a finalidade deste texto, elege-se como questões principais a intertextualidade e a intermedialidade, com vistas a verificar em que medida esses aspectos somam-se para o propósito do autor paulistano de representar seu ponto de vista sobre Lima Barreto.

2. INTERTEXTUALIDADE: O OUTRO MELHOR DIZENDO PARA A CONSTRUÇÃO DE MIM

No capítulo “O 'Discurso de outrem”, pertencente ao livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (1992), Mikhail Bakhtin aponta as formas de transmissão do discurso do “outro” demonstrando a importância do estudo do discurso citado com o objetivo de uma compreensão mais fiel daquilo que está sendo dito e daquilo pelo qual (discurso) se diz:

O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo. É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos de sua integridade linguística e da sua autonomia estrutural primitivas. (BAKHTIN, 1992, p. 144)

A primeira tendência fundamental estabelecida por Bakhtin – e aqui cabe limitar-se somente a ela, conforme o objetivo deste texto –, no caso o discurso direto, procura pontuar por meio do uso de aspas, tipo de letra diferente ou outros artifícios, qual é o discurso citado, isolando-o do discurso que faz uso dele. Há uma clara intenção de não misturar o que é dito com o que é citado:

Essa é a primeira orientação [discurso direto]; convém discernir claramente nesse quadro até que ponto a apreensão social do discurso de outrem é diferenciada numa determinada comunidade linguística, até que ponto as expressões lexicais, etc., são distintamente percebidas e têm uma significação social. Pode ser que o discurso de outrem seja recebido como um único bloco de comportamento social, como uma tomada de posição inalisável do falante – e nesse caso apenas o ‘o quê’ do discurso é apreendido, enquanto o ‘como’ fica fora do campo de compreensão. (BAKHTIN, 1992, p. 149)

A partir das considerações de Bakhtin acerca do dialogismo, Julia Kristeva, em *Introdução à semiótica* (1969), particularmente no capítulo intitulado “A palavra, o diálogo e o romance”, ao observar a presença de diferentes vozes no texto literário, a partir do pensamento de Bakhtin, estabeleceu o conceito de intertextualidade – remissão a outros textos (vozes) em uma determinada obra. Para a autora, “a palavra (texto) é um cruzamento de palavras (textos), onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto)” (KRISTEVA, 2005, p. 68). De caráter amplo, esse conceito abarcaria toda informação externa ao texto que não fosse originada das palavras do autor, podendo estar tanto explícita quanto implicitamente manifestada.

À amplitude do conceito de intertextualidade Gérard Genette propõe, na obra *Palimpsestos* (2010 [1982]), o conceito de transtextualidade que se subdivide em cinco tipos: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade. Para o enfoque aqui realizado, interessa a intertextualidade. Concebida como a co-presença de um texto anterior no texto atual, a intertextualidade pode-se manifestar por meio do emprego de aspas, diversos tipos de letras, tamanhos de fontes diferentes e alusão.

Em termos de alusão, salienta-se o título do livro. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* sugere aludir aos títulos de romances de cavalaria numa perspectiva irônica. Supõe-se que Antônio

instaure paralelismo entre o personagem Dom Quixote e Lima Barreto, anti-heróis mais representativos de uma nação do que os míticos heróis da cavalaria.

O autor paulistano estabelece essa desmitificação lançando mão de três categorias. Calvário (sofrimento contínuo de alguém pertencente à zona de exclusão), porres (desdobramento da primeira, estabelecendo o problema do alcoolismo de Lima como entorpecente para enfrentar o calvário recorrente – discriminação racial, pobreza e exclusões social e literária) e pingente (dependurado no sistema não apenas por ser um eterno passageiro do subúrbio carioca [aspecto recorrente no depoimento de Nóbrega da Cunha], mas por se um pingente em seu tempo e espaço). Mais um desdobramento do calvário por ele não ter o assento, tanto no trem como no país, que mereceria como cidadão.

Em *Calvário...* exerce presença fundamental o uso de citações da obra de Lima Barreto, delimitadas por aspas e com a indicação dos títulos dos livros dos quais partiram os recortes de João Antônio. Não há referências completas às edições e aos números de páginas das quais o autor paulistano recolheu as citações, tanto no texto quanto no final do livro. Verifica-se que algumas vezes as citações possuem correlações com o depoimento de Carlos Nóbrega da Cunha que entrecorta o longo conjunto de citações. Um desses casos pode ser observado quando o tema relaciona-se aos tipos de vestimentas do grupo que acompanhava Barreto aos bares, conforme descritos por Cunha:

Os vencimentos parcos não lhes permitiam sequer um aspecto agradável do ponto de vista das roupas. Roupas sovadas, muitas vezes ganhas de amigos. Calçados também e sempre cambaios, raramente engraxados. Alguns conseguiam melhorar o orçamento mensal encarregando-se do encaminhamento de papéis nas repartições a que pertenciam, outros recebiam discretas pensões mensais de parentes ou de amigos mais aquinhoados [...] (ANTÔNIO, 1977, p. 36)

Na sequência, João Antônio apresenta quatro excertos de diferentes obras de Lima Barreto nos quais se tematiza, em diversos vieses, a tendência do brasileiro de se vangloriar de títulos, sejam acadêmicos ou aristocráticos. Dentre esses trechos, transcreve-se:

“Via eu todos os dias passar na rua principal de Bosomsy um sujeito cheio de imponência e ademanes fidalgos; perguntei a um amigo:

– Quem é aquele? É algum duque? É marquês?

– Qual! É um tabelião”.

(*Bruzundangas*)

(ANTÔNIO, 1977, p. 37)

Neste caso, evidencia-se direta correlação entre depoimento e citações. Comenta-se sobre a situação de pobreza dos amigos de Lima Barreto para configurar o círculo ao qual pertencia o escritor. Ao delimitar as vestes e calçados humildes dos que acompanhavam o autor carioca, deixa-se clara a vinculação desses à margem social e, em contraposição, elenca-se citações de teor irônico, que revelam o comportamento do homem brasileiro que privilegia muito mais a aparência do que a essência.

Contudo, nem sempre ocorre semelhante correlação explícita, a exemplo da descrição do esforço dos irmãos Almeida para estudar, seguido por uma carta de Lima Barreto dirigida ao pai, quando tinha 12 anos, retratando seu desejo de ir para casa.

Moacir de Almeida era rapaz de quinze, dezesseis anos, aluno da Escola Normal, onde também e na mesma série, estudava o seu irmão mais velho, Antônio Gomes de Almeida. Ele adotou um pseudônimo durante muito tempo, *Ganges de Almeida*, devido à sua paixão pela literatura indiana [...]

Moacir e Ganges, paupérrimos, sapatos gastos, saíam a pé do Engenho Novo e vinham até a Biblioteca Nacional para, aos domingos, serem dos primeiros a entrar ao se abrir as portas, e sair à entrada da noite. [...]

Com seus cadernos de notas enriquecidos por centenas de indicações era, então, ao sair da biblioteca que eles iam tomar uma média com pão e manteiga nalgum bar [...]

“Meu pai.

Recebi a sua carta de 25 do corrente. As aulas estão funcionando muito mal, isto é, com falta de frequência. [...]

Se o senhor tiver alguém que venha a Niterói por necessidade, mande-me buscar. Não mande ninguém de propósito aqui, porque a viagem é cara”. [...]

(Carta de 28/9/1893 in *Correspondência*. Lima Barreto tinha só doze anos) (ANTÔNIO, 1977, p. 58-59)

Neste caso, a correlação entre os excertos se manifesta apenas em termos da vida escolar, sem maior contundência temática e irônica como demonstrado anteriormente. Há que se destacar um aspecto importante, pois a citação da carta de Barreto seguida da observação “Lima Barreto tinha só doze anos” não consta no original da obra *Correspondência* (tomo I), da qual João Antônio teria retirado a missiva. Assim, nota-se que se trata do único momento de *Calvário...*, no que condiz às citações, em que o autor paulistano tece comentário sobre o conteúdo, com evidente fito de destacar a maturidade precoce do adolescente Lima Barreto.

Essa breve ilustração dos tipos de interações entre depoimento e citações tem como objetivo demonstrar a abrangência particular que o termo intertextualidade pode assumir na feitura de uma obra. Verifica-se que a concepção básica de intertextualidade, co-presença de um texto em outro, assume proporções particulares no caso de *Calvário...*, afinal, trata-se de uma obra em que a voz do autor é suplantada por citações que ocupam sobremaneira o espaço de criação. Ao invés de essas citações dialogarem com o texto de João

Antônio, o que seria esperado para uma perspectiva intertextual tradicional, a interação ocorre com as descrições realizadas por um terceiro, o depoente Nóbrega da Cunha. Ainda assim, esse dialogismo não é estabelecido de maneira uniforme e previsível, como foi apontado.

Não é possível ignorar que a elaboração do depoimento foi realizada por João Antônio, a partir dos dados que colheu do depoente. Logo, ainda que ele afirme não ter interferido na obra, verifica-se, por exemplo, o emprego de termos linguísticos caros à sua escrita ficcional. É possível apontar algumas expressões que remetem, entre outros textos, à narrativa “Malagueta, Perus e Bacanaço”: “andanças e bebericagens” (p. 21), “vagabundagem medíocre dos basbaques” (p. 27), “tomarem a talagada e formarem a roda” (p. 39), “e, no entanto, era um bom” (p. 40), “distribuiu e levou muita bofetada e murro” (p. 61), entre outras.

Dessa maneira, o autor cria dois personagens. O primeiro é Lima Barreto que se manifesta, conforme a sua perspectiva de leitor, por meio das citações entre tantas outras que poderiam ser retiradas da produção barretiana. O segundo, ainda que modalizado pelo discurso memorialístico do depoente, se concretiza por meio de sua criação literária. E, é importante dizer, este segundo também modaliza o primeiro, pois suas falas caracterizam a criação de um Barreto segundo o ponto de vista de João Antônio. Assim, atesta-se que intertextos podem exercer o papel primordial como instância de criação para além da simples transposição de excertos explicitamente delimitados. No caso de *Calvário...*, são as citações que dão corpo à obra, sem elas o livro não existiria. Elas não complementam o discurso do escritor paulistano. Elas tornam possível que a voz do outro possa falar melhor do que o próprio autor.

Na conferência “Roteiro de leitura: o livro dos roteiros (*Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*)”, proferida durante o evento “80 anos de João Antônio”⁸, o professor Augusto Massi afirmou e exemplificou como esse livro de João Antônio revela correlações com a arte cinematográfica. Para Massi, além de se tratar de uma obra fundamentada em diferentes recursos, *Calvário...* configura-se como um evidente roteiro de filme por contemplar, entre outros aspectos, direta relação com o traçado urbano do Rio de Janeiro, cortes muito bem pensados para mudança de cenas e *closes* reveladores de particularidades dos personagens e temas desenvolvidos na obra: Lima Barreto pelas citações, Lima Barreto pelo depoimento de Nóbrega da Cunha e Lima Barreto presente na imagem (caricatura, que aparece na capa e dentro do livro). Nota-se que o próprio autor assegura sobre essa proximidade com o cinema ao se autodenominar como montador de cinema na nota prévia da edição: “Como um montador de cinema, tesoura em punho, dei ritmo e respiração ao trabalho alheio” (ANTÔNIO, 1977, p. 17). Contudo, abordar essa midialidade neste texto não é possível, tendo em vista a falta de conhecimento de recursos técnicos sobre cinema para melhor reflexão. Trata-se aqui apenas de destacar uma potencialidade intermedial da obra para pesquisas futuras.

No momento, interessa destacar três instâncias intermediais mais explícitas em *Calvário...* Antes, porém, é importante destacar a definição de intermedialidade, segundo Irina Rajewsky (2005) para quem:

[...] intermedialidade pode servir, antes de tudo, como um termo genérico para todos aqueles fenômenos que (como indicado pelo prefixo inter) ocorrem de alguma forma entre a mídia. “Intermedial” designa, portanto, aquelas configurações que têm a ver com o cruzamento das fronteiras entre os meios e que, portanto, podem ser diferenciadas dos fenômenos intramedulares, bem como dos

⁸ Evento promovido pelo Centro de Estudos Africanos (CEA/USP), Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (USP) e Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (CELP/USP), na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), nos dias 16 e 17 de novembro de 2017.

fenômenos transmediais (isto é, a aparência de um certo motivo, estética ou discurso). variedade de diferentes mídias)⁹. (RAJEWSKY, 2005, p. 46, tradução nossa)

Em *Calvário...* há hibridismo de meios que abrange literatura (como forma e conteúdo), jornalismo (depoimento e reprodução da divulgação de uma obra de Barreto) e imagens (fotografia da casa do escritor, capas de livros e provas de originais). A literatura apresenta-se como forma por se tratar de um livro ficcional que tematiza literatura ao eleger como matéria-prima principal excertos da produção de Barreto para compor outra obra literária. Dessa maneira, observa-se a existência de uma metalinguagem ao configurar a escrita barretiana como propulsora dessa criação estética do autor de *Malhação do Judas Carioca*.

Manifestação diferente ocorre ao ser observada a interação entre jornalismo e literatura. Neste caso, compreende-se que há uma relação de coexistência significativa: o depoimento concede sustentação para a representação de Barreto como personagem descrito com riqueza de detalhes, sob a perspectiva da deambulação pelas ruas e bares da capital fluminense. Ao mesmo tempo, a literatura constitui-se como meio propiciador da significação do jornalismo enquanto matéria para o exercício criativo.

Pode-se desdobrar essas afirmações ao se considerar a importância que o depoimento de Nóbrega da Cunha teria se, hipoteticamente, fosse publicado em jornal (sem interação com os excertos barretianos, as imagens e o pertencimento a uma produção literária). Se limitado apenas à esfera

⁹ “[...] intermediality may serve foremost as a generic term for all those phenomena that (as indicated by the prefix inter) in some way take place between media. ‘Intermedial’ therefore designates those configurations which have to do with a crossing of borders between media, and which thereby can be differentiated from intramedial phenomena as well as from transmedial phenomena (i.e., the appearance of a certain motif, aesthetic, or discourse across a variety of different media)”.

jornalística, o texto não alcançaria a perenidade conquistada ao compor um livro. A efemeridade do jornal enquanto meio midiático assoma como um dos elementos a diferenciar a duração social de um texto – a sua validade de atuação como meio de informação – em contraposição ao objeto literário, que tem entre os seus predicados tornar perene o que é publicado em livro. Aspecto este bem representado pelas produções do New Journalism que se centraram na intensa correlação entre jornalismo e técnicas literárias e subsistiram à fugacidade do jornal diário meramente informativo, quando migraram para o espaço do livro.

Semelhantes aspectos, acredita-se, permitem aproximar essa coexistência como relacionada à intermidialidade de sentido estrito de combinação de mídias, conforme atesta Rajewsky (2012, p. 59) ao afirmar que a “[...] combinação de mídias [...] visam uma intermidialidade *intracomposicional*” na qual o processo de integração de mídias repercute no significado da obra. *Calvário...* só tem sentido a partir do conjunto de linguagens que o constitui; é justamente esse dialogismo entre meios diferentes que torna possível a sua existência.

Ao somar a metalinguagem literária e a relação literatura e jornalismo com as imagens presentes na narrativa, localiza-se mais um elemento intermidial a colaborar na transformação dos meios mobilizados na obra em questão. Se vistas descontextualizadas do percurso criativo de João Antônio, essas imagens careceriam de sentido, tornando-se registros de determinado assunto – evidentemente se deprenderia a relação com Lima Barreto –, mas ficariam circunscritas a registros da história do escritor.

Porém, quando essas imagens são integradas à obra, intensifica-se o sentido de cruzamento de fronteiras entre diferentes mídias a se manifestarem para o propósito do autor paulistano. Apagam-se as fronteiras entre as diferentes linguagens em prol da criação de um novo objeto. Logo, um novo sentido é instituído e ele só pode ser compreendido na apreensão da

completude do livro. Sim, é fato que cada meio – a literatura, jornalismo e imagens – possuem suas particularidades, todavia, a junção delas consolida a sua existência neste caso.

Por último, há que se ressaltar, conforme já apontaram Antônio Esteves, Mariana Souza e Augusto Massi, a relação de *Calvário...* com uma perspectiva moderna para a época em que foi publicado. A respeito desse aspecto, conforme afirmado anteriormente, a questão da proeminência de citações da obra de Lima Barreto, segundo a seleção e objetivos de João Antônio – assim como também sob o critério do escritor paulistano são direcionados as imagens e o depoimento – demonstra uma espécie de inacabamento da obra, ainda que parcial. Isto porque, citações outras poderiam compor o conjunto apresentado, configurando um *continuum*, haja vista que os temas apresentados¹⁰ são recorrentes na produção barretiana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6ª ed. São Paulo, Hucitec, 1992.

ESTEVES, A. Circulando pelas margens: João Antônio e o Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto (1977). In: OLIVEIRA, A.; ORNELLAS, C.; SILVA, T. (Org.). *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: FCL-Assis – UNESP-Publicações, 2008.

GENETE, G. *Palimpsestos*. Trad. Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. 2ª ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹⁰ Alguns temas das citações que compõem *Calvário...* são: “[...] referências à necessidade de uma literatura voltada para o registro da realidade (p. 22-23), os problemas sócio-políticos do Brasil (p. 23-24), a realidade dos marginalizados sociais (p. 36), a situação de constante carência social dos subúrbios (p. 30-33), a violência policial para com os pobres (p. 48 / p.50), o imaginário do brasileiro que ambiciona uma posição social que não tem (p. 37-38), a discriminação racial e/ou a infância pobre (p. 37/p. 76)”. (ORNELLAS, 2011, p. 67).

ORNELLAS, C. *João Antônio, leitor de Lima Barreto*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.

RODRIGUES, J. M. Conversando com João Antônio. s/l, s/d. (Pasta 31 do Acevo João Antônio).

SOUZA, M. O bar, a rua, o sanatório: calvário e errância do pingente João Antônio. In: ORNELLAS, C.; SILVA, J.; MORAES, R. (Org.). *80 anos de João Antônio*. São Paulo: FFLCH/USP, 2018. (no prelo)

RAJEWSKY, I. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermidialidade. In: DINIZ, T.; VIEIRA, A. (Org.). *Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Rona Editora, 2012.

RAJEWSKY, I. Intermediality, intertextuality, and remediation: a literary perspective on intermediality. *Intermédiatités*, Montreal, n^o 6, Automne, 2005.

Recebido em 14/07/2019.

Aceito em 25/09/2019.